



TRABALHANDO O RESGATE DAS NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA SANTA MARIA DO RIO MARAJOÍ

Lucidete Alho POMBO (G-PARFOR/UFPA)
Orientador: Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a importância do trabalho com as narrativas orais na sala de aula. São apresentadas a definição e funções das narrativas. Como culminância fazendo uso das falas de moradores líderes da comunidade Santa Maria de Nazaré do rio Marajoí, no município de Gurupá estado do Pará, são descritos o contexto político e religioso de surgimento e consolidação da comunidade. Consustanciam as análises desta pesquisa os trabalhos de Connelly e Clandinin (1995), Marcuschi (2001), Neves (2004), Fiorentini (2006). Concluímos que a sociedade precisa valorizar essas narrativas que registram a vida e a história de um povo. A escola como parte integrante de uma sociedade precisa incentivar o registro dessas histórias populares para assim valorizar a história e a cultura desse povo.

Palavras-chave: Narrativas Orais. Oralidade. Escrita.

1 INTRODUÇÃO

O comportamento humano é organizado pela linguagem. Nos expressamos e motivamos nosso pensamento através da fala, que é um processo individual e social. Isso significa que à língua é uma interação entre sujeitos e o mundo, sendo que sua manifestação ocorre através do discurso, que se constrói em um contexto social e histórico, onde o principal interlocutor é o sujeito. Nesse sentido, a fala apresenta-se como uma construção humana para fins comunicativos, geradora de conhecimentos compartilhados entre membros de uma mesma comunidade. Como corrobora Marcuschi (2001):

O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva [...]

Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. (MARCUSCHI, 2001, p. 83)

O autor refere-se sobre a importância do resgate da cultura dos indivíduos de cada localidade, enfatizando a educação como prática que rompe as barreiras de exclusão. Destaca ainda que o estudo da fala é uma extraordinária oportunidade para elucidar aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística. Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que:

Ensinar a língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1999, p. 67)

Segundo esta concepção a língua tem uma interação de comunicação formal entre interlocutores de uma mesma comunidade linguística, esta concepção enfatiza que se termos o



domínio da língua podemos ter a plena possibilidade de participação na sociedade, pois é por meio da língua que ser humano se comunica tem acesso às informações e através dela expressa e defende seus pontos de vista, pois se o ser humano tem o pleno conhecimento da língua ele terá a plena confiança em si e estará preparado para as mais variadas situações de uso da língua. Dessa forma, é função e responsabilidade da escola o projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural que garante a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários, para que eles possam exercer a cidadania, que é direito inalienável a todos.

É nesta perspectiva que este artigo tem como objetivo discorrer sobre a importância do trabalho com as narrativas orais na sala de aula. São apresentadas a definição e funções das narrativas. Como culminância fazendo uso das falas de moradores líderes da comunidade Santa Maria de Nazaré do rio Marajoí, no município de Gurupá estado do Pará, são descritos o contexto político e religioso de surgimento e consolidação da comunidade. Consustanciam as análises desta pesquisa os trabalhos de Connelly e Clandinin (1995), Marcuschi (2001), Neves (2004), Fiorentini (2006). Concluímos a escola como parte integrante de uma sociedade precisa incentivar o registro dessas histórias populares para assim valorizar a história e a cultura desse povo.

2 NARRATIVAS NO CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

As narrativas são uma forma de comunicação cotidiana, fazendo parte de um discurso falado, o qual implica uma situação concreta de narrar “*hic etnunc*”, quer dizer, um momento definido, uma situação e circunstâncias espaço temporais (MCGUIRE, 1990). Devido à sua estruturação sintática, a narrativa tem uma coerência lógica interna, a qual estabelece uma relação entre as suas partes constitutivas.

As narrativas são histórias que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas as suas experiências passadas, presentes e futuras. (CLANDININ; CONNELLY apud FIORENTINI, 2006, p.29)

Nesta esteira as narrativas orais constituíam uma ou várias classes coerentes e/ou originais do ponto de vista da estrutura. Do mesmo modo que é constituída de estruturas de caráter universal, carregam especificidades semânticas e estilísticas propriamente regionais, considerando as implicações que cada região possui, sobretudo, quando relacionado com o elemento espaço-cultural.

As narrativas são excelentes recursos para que os professores comuniquem saberes e experiências. Nas palavras de Clandinin e Connelly (1995) a narrativa serve para compreender a experiência e, ao contar para o outro, verifica-se a apropriação de saberes:

As narrativas representam um modo bastante fecundo e apropriado de os professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência. As narrativas fazem menção a um determinado tempo (trama) e lugar (cenário), onde o professor é o autor, narrador e protagonista principal. São histórias humanas que atribuem sentido,



importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas às suas experiências passadas, atuais e futuras. (CLANDININ; CONNELLY apud FIORENTINI, 2006, p.29)

Além disso, o trabalho com as narrativas estimula ainda a oralidade e a escrita dos alunos, pois, o momento em que eles entrarem em contato com as narrativas eles irão trabalhar a oralidade e no momento em que eles forem escrever essas narrativas entrarão em contato com a escrita. A modalidade oral como conteúdo a ser trabalhado na escola já vem sendo enfatizada por diversos estudiosos da linguagem, como Marcuschi (2001) e Neves (2004). Os próprios PCNs (Brasil, 1999) põem essa modalidade ao lado da modalidade escrita, ressaltando a importância desse estudo no desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

A fala é uma construção humana e histórica com fins comunicativos, geradora de significados compartilhados entre os membros de uma mesma comunidade. Na aprendizagem da fala, ocorrida por meio da maturação biológica e da interação do homem com o outro, muito mais que um conjunto de sons articulados, pode-se encontrar diferentes significados, valores, modos diferentes de experiências do mundo. Este breve histórico sobre a fala foi tratados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ao referir-se a esta modalidade no ensino de língua materna.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1999, p. 67)

É fundamental discutir o papel da oralidade, tendo como desdobramentos: a prática de contar histórias oralmente; as influências da memória individual e da coletiva na construção dos relatos orais; o estudo dos mecanismos/critérios de recorte, revisão, significados e ressignificações empregados nas narrativas orais. Antunes (2003) refere-se ao trabalho com a oralidade em sala enfatizando que:

[...] muitos professores não conseguem fazer com que seus alunos desenvolvam uma competência comunicativo-interativa, isto porque alguns acreditam, ingenuamente, que os usos da língua oral são tão presentes no cotidiano que não é preciso ser matéria das aulas. (ANTUNES, 2003, p. 12)

Além disso, alguns educadores, quando desenvolvem atividades relacionadas à oralidade, reduzem aos gêneros informais da oralidade, como em roda de conversa com os colegas e troca de ideias com os mesmos, nos quais predominam os registros coloquiais, sem proporcionar aos alunos uma análise consistente do funcionamento da fala, o que tem resultado em uma falta de oportunidade em estudar a realização, o uso dos gêneros orais que exigem registros mais formais, um vocabulário mais especializado.

A complexidade da oralidade está relacionada a outros elementos como a existência de características individuais ou grupais na manutenção e utilização dos códigos linguísticos comuns ou de vocabulários, gírias, sotaques, dialetos, fórmulas ligados a espaços comunitários, a classes sociais ou grupos étnicos, em sociedades cada vez mais complexas e multiculturais.



Diante disso, é adequado se falar em oralidade no plural pois pode-se inferir uma constatação importante para o campo da história oral, qual seja, a necessidade de analisar qualquer produção oral dentro do universo linguístico, cultural, social de referência, condição indispensável para interpretação analítica.

[...] o professor precisa ter consciência de que esse trabalho deve possuir um caráter interacional, ou seja, um trabalho inserido em uma prática social discursiva, que envolve pelo menos dois interlocutores, em torno de um determinado sentido e de uma determinada intenção interacional no qual está inserida. Assim, ao assumir essa perspectiva interativa, a oralidade na escola deve atentar-se para algumas características como: reconhecimento da importância da interação, unidade e coerência temática, diferenças entre a fala e a escrita, trabalho com os diferentes gêneros e tipos textuais, atenção para os aspectos supra-segmentais e para o desenvolvimento da habilidade de escuta. Desse modo, a fala deixa de ser espontânea, relaxada e descuidada, passando a ser trabalhada de acordo com o contexto. (ANTUNES, 2003)

Acreditamos que para desenvolver esta abordagem no ensino de Língua Portuguesa, os educadores precisam preocupar-se em planejar e avaliar suas concepções, objetivos, procedimentos e resultados de seus trabalhos, com o intuito de ampliar a competência comunicativa de seus alunos. Goodson (1999) assevera que:

Falar sobre o próprio trabalho, trazer à tona a gama de dificuldades e dilemas que colocam, a insegurança que geram decorrentes da insuficiência da formação teórica, da falta de suportes institucionais e do risco de ter que criar respostas urgentes, trouxe para o campo da pesquisa uma nova e fértil linha de investigação sobre os saberes da prática, sobre as condições que favoreceram o desenvolvimento profissional docente, sobre as relações entre os saberes da prática e os saberes da formação e suas implicações para reformulação da formação inicial e continuada. (GOODSON, 1999, apud BERZEZINSK; GARRIDO, 2007, p. 72)

Neste diapasão a atividade do professor, é como a do investigador educacional, é emergente, pois traduz a contingência de orientar toda sua formação para a capacidade de conhecer, pensar e agir, dentro do espaço em que ocupa, posicionando-se sobre algo sem inibição.

3 METODOLOGIA

No interior da discussão sobre o papel das narrativas orais no ensino esta pesquisa propõe, fazendo uso de depoimentos (narrações) de moradores líderes da comunidade Santa Maria de Nazaré do rio Marajoí, no município de Gurupá estado do Pará, deslindar o contexto político e religioso de seu surgimento e consolidação. Foram ouvidos dois dos moradores mais antigos da comunidade. Suas idades oscilam entre 85 e 70 anos. Nesta pesquisa os moradores foram identificados como morador A e B (TABELA 1).

TABELA 1 – Perfil dos Informantes da Pesquisa

INFORMANTE	FORMAÇÃO
A	2º Grau incompleto
B	3ª Série do ensino fundamental

Fonte: Dados da Pesquisa



SANTA MARIA DO RIO MARAJOÍ: CONTEXTO DE SURGIMENTO

Segundo o morador A, antes do surgimento das comunidades as visitas pastorais eram feitas nas casas dos patrões, e por essa razão em outubro de 1972, ele escreveu uma carta para o padre, pedindo uma visita missionária, pois as duas vezes que o padre foi lá no Marajoí procurar pessoas para trabalhar na catequese, ele estava para Belém tratando-se, pois estava doente, depois disso o padre passou quase 3 (três) anos sem ir lá, foi então que em outubro quando o morador A chegou de Belém, e resolveu escrever esta carta, e no dia 17 de março de 1973, o padre chegou, lá no rio. Ele veio acompanhado de duas irmãs religiosas.

Antes do nascimento das comunidades, os padres vinham fazendo as visitas pastorais, nas casas dos patrões¹, que eram os donos dos seringais e das terras, onde as pessoas do rio Marajoí trabalhavam para comprar suas roupas, alimentos, remédios e etc. Era na época patronal, eram os patrões quem diziam para os padres quem devia casar, batizar, eram quem davam as informações.¹ Então foi aí que eu decidi escrever uma carta ao padre pedindo uma visita missionária e no dia 17/03/1973 Ele chegou acompanhado de duas irmãs religiosas, de ordem franciscana, na noite em que chegaram, rezamos o terço, o padre fez uma palestra, ensinou como rezar o culto dominical, deixou os materiais, que precisávamos para aprendermos como celebrar os cultos, então nós ficamos estudando esses materiais durante a semana eu, meu irmão, minha esposa e minha filha aí no domingo nós fomos e rezamos o culto foi difícil, mas nós conseguimos. (Morador A)

Segundo relatos do morador A podemos perceber que as razões pelas quais levaram ao surgimento da comunidade foram: que o Vaticano na época precisava fazer algumas mudanças na igreja e para isso precisava de pessoas que gostassem de trabalhar na catequese pois naquele tempo o trabalho na igreja era totalmente diferente de hoje e nesse tempo era dito que só os evangélicos rezavam o culto dominical. Então o povo se uniu com a igreja a fim de fundar a comunidade e tornar-se independente.

Ao analisar a fala do morador A, percebe-se que é de suma importância que escola como parte integrante de uma sociedade, incentive o registro das histórias populares para assim valorizar a história e a cultura desse povo. Pois de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 21)

O morador B, fala que nesse período os moradores do Marajoí a maior parte da comunidade era analfabeta.

¹ Patrões eram os donos dos seringais e das terras onde o povo do Marajoí trabalhava para comprar seus alimentos, remédios, roupas e etc.

² liturgias diárias são manuais que a Congregação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), remete para as paróquias distribuírem para as comunidades, a fim de se basearem na hora de fazer as leituras e suas reflexões de cada dia.



Nesse tempo, durante o culto dominical nós não sabíamos refletir sobre a leitura retirada da bíblia e, por isso usávamos as reflexões que as liturgias diárias² traziam prontas. Eram apenas lidas para a assembleia presente, pois nos julgávamos sem capacidade de tirar as nossas próprias conclusões do que líamos. (Morador B)

De acordo com os relatos do morador B, em face de sua formação rudimentar tinham severas dificuldades de compreender e elaborar reflexões, desta feita só liam a leitura da palavra de Deus e como reflexão liam o que estava escrito no caderno, pois não sabiam como explicar meditar na palavra de Deus.

Ele afirma essa ideia dizendo que “era o patrão quem comprava nossas roupas, remédios, café, açúcar, mas também toda produção que a gente fazia era entregue para o patrão para pagar o que tínhamos comprado” (Morador B).

OS MOVIMENTOS SOCIAIS EXISTENTES NA COMUNIDADE

Segundo o morador B, os movimentos sociais não existiam naquele período, pois os movimentos naquela época eram patronais, ou seja, era o patrão que mandava em tudo. Isso é demonstrado através de sua fala.

Era o patrão quem escolhia os nossos candidatos para voltarmos, era o patrão que comprava nossas roupas, nosso café, nosso açúcar e até nossos remédios. Mas também tudo que a gente fazia de produção a gente tinha que entregar para o patrão. (Morador B)

De acordo com sua fala, podemos perceber que o Marajoí naquele período era um rio completamente dependente, pois o povo era subordinado as ordens dos patrões.

O morador A, fala que:

Só a partir de 10 anos de catequese, quando nós começamos a estudar, a participar de encontros, eu, participei de vários encontros em Gurupá, Belém, Santarém e outros lugares. Começamos a nos aprofundarmos na palavra de Deus: no Ver, Julgar e Agir, deu para perceber que nós éramos completamente analfabetos, ignorantes, desinformados da sociedade e que vivíamos em completo abandono. Um rio sem transporte, sem comunicação, a gente morria ali mesmo, se uma cobra mordesse e a gente não aguentasse a dor do veneno, ia morrer, uma mulher ia ganhar nenê, se houvesse alguma complicação podia preparar a sepultura porque ela não ia escapar. A partir do Ver, Julgar e Agir, nós começamos tomar algumas decisões: fundar associações, sindicatos, lutamos por uma sociedade independente. Foi aí que houve muito conflito de terra, conflito entre patrão e freguês. Nós travamos uma luta muito serena, com todo respeito, mas conseguimos desapropriar as terras dos patrões e trazer a independência do povo do Marajoí. Passamos uns 10 anos de lutas mas conseguimos a independência. (Morador A).

Nesse sentido, podemos perceber que a igreja católica foi uma importante aliada do povo marajoiense, pois a partir do momento em que os moradores começaram a participar de encontros na paróquia, iniciou-se um processo de formação política.

Então parti do Ver, Jugar e Agir nós começamos tomar algumas decisões, foi aí que começamos a fundar os sindicatos, as associações para lutar pela liberdade do povo. Pois quando passamos a estudar o VER JULGAR e AGIR, passamos a perceber que só haverá PAZ verdadeira dentro da sociedade quando todos os grupos e comunidades reconhecerem as diversidades de culturas e religiões da famílias humana, dentro de um espírito de respeito mútuo e compreensão. (Morador A)



Segundo Küng (2003) a religião não serve somente para a opressão, mas também para a libertação das pessoas. E isso não só de uma forma psíquico-terapêutica, mas também na dimensão social.

RELIGIOSIDADE E COMUNIDADE: PERCEPÇÕES SOBRE A CONTEMPORÂNEIDADE

Segundo os relatos dos moradores A e B, o surgimento da comunidade Santa Maria, foi muito importante, pois a partir do surgimento, eles começaram a participar de encontros na paróquia e em outras cidades então começaram a criar os grupos dentro da comunidade como: o grupo de mutirão, o grupo de mulheres, grupo de jovens, grupo de crianças e o grupo da infância missionária.

A parti do Ver, Jugar e Agir nós começamos a tomar algumas decisões, foi aí que começamos a fundar os sindicatos, as associações para lutar pela liberdade do povo. Pois quando passamos a estudar o VER JULGAR e AGIR, passamos a perceber que só haverá PAZ verdadeira dentro da sociedade quando todos os grupos e comunidades reconhecerem as diversidades de culturas e religiões da famílias humana, dentro de um espírito de respeito mútuo e compreensão. Então com o passar do tempo foi criado o grupo de jovens, de mulheres, de mutirão, de crianças e infância missionaria. A partir dos grupos, os de jovens principalmente passaram a tomar a frente dentro da comunidade ensinando a catequese para as crianças, tomando decisões em relação a comunidade, fazendo encontros na paróquia e em outras cidades entre outras coisas. (Morador A)

Diante disso, podemos perceber que esses grupos até hoje existem na comunidade, pois as gerações que vão se formando passam liderar esses grupos e a comunidade para que essa nunca venha a se acabar. Percebe-se ainda, que a partir da catequese eles passaram a ter outro visão de como dirigir uma comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho observamos a importância dessas narrativas orais para se manter viva a memória e a história de um povo, através dos relatos contados que são passados de geração em geração, porém, percebemos ainda que há a necessidade de documentar e registrar esses fatos para que as futuras gerações possam conhecer e reconhecer a vida de seus antepassados. Dessa forma, é necessário que a escola atente para o trabalho do resgate das narrativas orais na sala de aula, propiciando atividades de campo que leve o aluno a refletir sobre a importância de se resgatar essas narrativas para se manter as reminiscências vivas na memória e em documento para que as futuras gerações da comunidade possam valorizar a história e a cultura daquele povo.

Mas do que isso, ao trabalhar as narrativas orais na sala de aula, a escola estará possibilitando para os educandos o contato com a oralidade e isto os ajudará a se relacionar com o meio social de maneira ativa, pois ao treinar as formas do discurso oral a instituição viabilizará formas de interação para o aluno nas diversas camadas da sociedade.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1997.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Relatos de Experiência e Investigação Narrativa**. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativas y educación. Barcelona: Editorial Laertes. 1995.
- FIORENTINI, Dario. **Histórias e Investigações de/ em aulas de Matemática**. São Paulo, Musa, 2006.
- KÜNG, Hans. Religiões do mundo. Em busca dos pontos comuns. Campinas: Verus, 2004
- MARCUSCHI, Luís Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- MCGUIRE, Michael. **The Rhetoric of Narrative**: A hermeneutic, critical theory. In: Britton/Pellegrini 1990: 219-236.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática se usa na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2004.